
MÍDIAS, ESPAÇOS EDUCATIVOS E SUAS RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

Roseli Pereira Nunes- spinely_aju@hotmail.com.

Maria José Nascimento Soares - marjonaso@ufs.br.

PRODEMA - Universidade Federal de Sergipe

Resumo

O presente artigo visa, mediante amplo referencial teórico e análise da realidade, discorrer acerca da articulação entre comunicação e educação que, na práxis, é decorrente da presença freqüente dos conteúdos midiáticos na sala de aula, nas pautas de discussões e nas leituras que fundamentam o cotidiano dos indivíduos e das comunidades. Nesta perspectiva, essa questão foi assumindo o status de preocupação e reflexão até que tomou uma dimensão inquietante pela sua pertinência. Pois, tanto educandos quanto educadores assistem à televisão, ouvem rádio, acessam a internet e comentam na escola e demais ambientes sociais, os assuntos desses meios de comunicação. No entanto, vale ressaltar que apesar de estar inserido na contemporaneidade, as escolas não tratam dos conteúdos midiáticos de maneira a promover análises críticas deles.

Palavras Chave: Mídias; Educação; Comunidade

Summary

This article aims, through broad and theoretical analysis of reality, talk about the link between communication and education which in practice is due to the frequent presence of media content in the classroom, in the Tariff discussions and readings that support the daily life of individuals and communities. In this perspective, this question was assuming the status of concern and reflection until he took a troubling dimension of relevance. For both students as educators watch television, listen to radio, internet access and comment at school and other social environments, the subjects of these means of communication. However, it is noteworthy that despite being inserted into the contemporaneity, schools do not deal with the media content in a way that promote critical analysis of them.

Key word: Media; Education; Community

INTRODUÇÃO

Educação e Comunicação são ciências próximas nas concepções - comunicar sujeitos com sujeitos – e, de maneira contraditória, apesar de coexistirem nas sociedades contemporâneas são distantes quando associadas e pensadas no espaço escolar. Nesta perspectiva, considerar a possibilidade didática dos meios de comunicação, que não têm a educação básica como princípio, é um desafio necessário, uma vez que os conteúdos veiculados permeiam o cotidiano e a realidade não somente dos alunos, como também de familiares e amigos, ou seja, da comunidade na qual a escola está inserida.

Desta maneira, Napolitano ressalta ser possível afirmar que educação e comunicação não são concorrentes, mas complementam-se quando aliadas a “[...] uma não suprime a outra, mas podem compor uma boa dupla se vistas, ambas, com critérios de análise crítica, com técnica e contextualização” (2002, p. 136).

Em concordância com o autor supracitado, Belloni (2001) ressalta que apesar dos diferentes papéis que possuem na sociedade, os meios de comunicação e a escola têm aproximações, pois, o envolvimento dos indivíduos que formam as comunidades com o conteúdo audiovisual, é fruto de preferências e discussões que acontecem em diferentes espaços sociais, e podem se fazer presentes enquanto temáticas nos espaços de trabalho, estudo e de lazer.

Os assuntos mais frequentes das “prosas” no ambiente escolar e nas comunidades vêm carregados de saberes, de cultura, de consumo, de ética e de estética dos meios de comunicação, em especial da televisiva, enriquecendo as temáticas e as discussões nas aulas, acrescentando outro valor e significado aos conteúdos curriculares.

No Brasil, o uso da televisão para transmitir conteúdos educacionais começou no final da década de 60 e início dos anos 70, período considerado auge do regime militar, quando este meio de comunicação, que já tinha uma ideologia, passou a ser utilizada com objetivos específicos. Nas escolas, tornava-se comum citar notícias de telejornais para exaltar o regime ou denunciar o que não era divulgado.

Na contemporaneidade, as mídias já invadiram os espaços educativos e os meios sociais. No entanto, é necessário avaliar de que forma elas os ocupam, pois são múltiplas as formas de presença dos instrumentos de mídia, e muito mais variadas são as maneiras de interpretar a sua determinação no nosso modo de vida atual.

Neste ínterim, é preciso pensar de que forma queremos que a educação aborde este mundo e se insira nele, evitando promover uma formação que o reproduz, o conduz e não o vê com postura analítica e crítica, visando avançar para o debate da estrutura das comunicações e das políticas que estão se fazendo presentes.

A ESCOLA NA ATUALIDADE

Segundo Bourdieu (1998), a escola¹, enquanto instituição de educação formal, ao longo de sua existência desempenhou basicamente três papéis distintos. Primeiro, estaria o de redentora, responsável por grandes transformações tanto individuais quanto sociais; depois o de reprodutora das desigualdades sociais, assim como da aceitação delas como uma espécie de predestinação; e hoje, estaria desempenhando seu papel sob os aspectos de uma visão dialética, capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo.

Desta maneira, na contemporaneidade, como transformadora, a escola que antes era vista como espaço destinado apenas a reflexão e discussão de temas estritamente ligados às disciplinas do currículo, vê-se transbordada por assuntos ligados aos interesses da comunidade, principalmente gerados pelo avanço da tecnologia, representada pelos meios de comunicação. É o que, na perspectiva de Bacegga, faz com que o ambiente escolar deixe de ser um lugar privilegiado, “[...] sacralizado de acesso à informação e ao conhecimento e passe a ser um espaço onde o ‘aprendente’ desenvolve a capacidade de interrelacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos” (1997, p.43).

Na ação específica das práticas escolares, o próprio entendimento do que seja ‘educação’, vê-se ampliado em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, de comportar-se e de constituir a si mesmo se realizam com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

Uma das maiores críticas atualmente feitas à escola é seu distanciamento em relação ao contexto dos alunos e das comunidades nas quais estão inseridas. Uma vez que as características e os saberes pertinentes a cada indivíduo, assim como a realidade social, não deve ser ignorado pelas instituições de ensino. Autores como Freire e Napolitano defendem a idéia de que a escola precisa considerar a realidade existencial dos alunos como ponto de partida para qualquer proposta pedagógica.

Neste ínterim, Napolitano destaca que desde o século XIX até meados do século XX, a escola foi considerada hegemônica no processo de formação e transmissão de valores, atitudes e conteúdos de conhecimentos básicos. No entanto, este processo teria sido paulatinamente ‘compartilhado’ com a mídia, especialmente com a televisão, que apresenta uma mescla de interesses ideológicos e comerciais “[...] boa parte dos objetivos e dos papéis tradicionais da escola se transferiu para a TV, acirrando a crise da instituição escolar e o questionamento de sua eficácia e lugar nas sociedades de massa contemporâneas” (2002, p.18).

¹ Bourdieu (1998) define a escola como sendo um espaço de reprodução das estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. Desta maneira, o autor vê na escola, o ambiente onde as crianças chegam com variadas quantidades e qualidades de conhecimento trazidos de casa, além de várias "heranças", como a postura corporal e a habilidade de falar em público.

A proposta das escolas na atualidade visa incorporar as temáticas apresentadas nos meios de comunicação e ambiente comunitário ao ambiente escolar e, aproveitando-se da rapidez da informação, das imagens, da diversidade de linguagem, das pesquisas e reproduções de fatos e tantas outras abordagens, que bem utilizadas poderão resultar na associação dos conteúdos dinâmicos e atuais veiculados pelos meios midiáticos, às temáticas abordadas nas salas de aula.

Moram diz que a midiabilidade² é um dos principais problemas a serem pensados pela escola “[...] não se trata de tentar dissipar a influência da mídia na vida das pessoas, mas de explicitar este fenômeno e fornecer alguns pressupostos críticos, valorizando elementos culturais que muitas vezes o aluno já possui” (1993, p.16).

Para reforçar esse pensamento, Veiga (2003) observa que o planejamento adequado para o uso dos recursos possíveis mediante a utilização dos meios de comunicação e dos assuntos de interesse de estudantes e comunidade, vai além do assistir e selecionar conteúdos, sendo necessário que os receptores sejam informados sobre aspectos que os situem, para que os mesmos possam assistir à programação com o olhar aguçado, sendo acrescidos, posteriormente, com informações complementadas por meio de discussões sobre o tema.

O autor supracitado ressalta ainda que a escola e a TV ainda não estabeleceram uma integração produtiva, de acordo com as relevâncias sociais de ambas, na formação de futuras gerações. Distanciamento que resulta no fato de uma nem outra exercer seu papel integralmente dentro da sociedade, pois a televisão, na atualidade é um fortíssimo instrumento de educação informal, como salienta Baccega.

a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e família o processo educacional, tornando-se um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou a convivência com os pais (BACCEGA, 2000, p.95).

Desta feita, destaca-se que a educação precisa caminhar ao lado das inovações tecnológicas, com o intuito de poder formar cidadãos críticos, seletivos e construtores de conhecimentos, valores e comportamentos. E um dos meios de tornar esta proposta eficaz, é utilizando os meios de comunicação como fonte de informação e exemplificação para se trabalhar fatores que envolvem a vida em sociedade.

² Conforme Napolitano (2002), entende-se por midiabilidade a existência de um campo social onde haja o predomínio da mídia, sobretudo da mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais, ao qual todos nós estamos sujeitos. Caracterizando-se ainda, como fenômeno que implica dificuldade em estabelecer fronteiras definidas entre a experiência enraizada nas relações sociais mais tradicionais, e àquelas vivenciadas através da mídia

BREVE PANORAMA ACERCA DA RELAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE

O sentido da entrada e da participação da comunidade no ambiente escolar, e consequentemente no processo de educação formal, tem mudado muito através dos tempos em função de vários fatores. De acordo com Nunes (1992), houve um tempo, anterior aos anos 80, em que a presença da família e da comunidade na escola se dava apenas nas festas comemorativas, nos momentos solenes marcantes da vida escolar ou em reuniões organizadas com o intuito de chamar a atenção dos pais para o rendimento ou o comportamento dos filhos.

Dessa maneira, Nunes ressalta que a presença da família e da comunidade fora destas chamadas era considerada uma inconveniência e, em conseqüência, essa distância manteve-se por muito tempo, pois.

Acreditava-se, ou queria-se fazer acreditar, que o espaço escolar era espaço exclusivo daqueles que nele trabalhavam. Assim, a comunidade era convidada a participar de alguns momentos para ver o que a escola estava produzindo de bom, de apresentável. Ou convidada para ser responsabilizada por aquilo que a escola determinava ser a causa de problemas e fracassos. Uma distância fora criada e sedimentada fortemente. Um sentimento de presença indesejada impedia os pais de participarem do dia-a-dia da escola e da vida de seus filhos (NUNES, 1992, p.93).

A partir dos anos 80, com o crescimento da força dos movimentos sociais, a escola é atingida por uma onda de desejos e de necessidade de participação, por meio da qual, os profissionais da educação passaram a defender a abertura dos portões da escola para a entrada da comunidade. Nesta perspectiva, os saberes e as características das comunidades passaram a integrar o contexto educacional das escolas com uma maior disseminação dos direitos das pessoas e a clareza de que a escola deveria ser um espaço público, do encontro dos pais, alunos e trabalhadores em educação.

De acordo com a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), há a determinação de participação dos pais dos alunos para a que ocorra a efetivação do processo da gestão democrática nas escolas. No entanto, Ammann ressalta que a relação Escola/Comunidade no Brasil, se ancora

mais do que o cumprimento de uma determinação legal, a busca pelo fortalecimento dessa parceria colaborativa se apresenta, no atual contexto social, como um dos poucos caminhos viáveis para que escolas e famílias consigam superar as dificuldades que vêm enfrentando na educação de seus filhos/alunos (AMMANN, 1987, 26).

Nunes (1992) descreve que a década de 90 se caracterizou pela intensificação ou pela tentativa de qualificação da participação popular em todos os setores, ressaltando que no setor da educação, foi implantado o Programa Escola Plural e realizada a

Constituinte Escolar³. Eventos nos quais houve a participação entusiástica e consciente de algumas comunidades.

Nas sociedades contemporâneas, a presença das comunidades dá-se muitas vezes de maneira implícita, uma vez que os reflexos sócio-culturais delas são constantes no ambiente escolar, entendido enquanto espaço de educação da sociedade como um todo. Aspecto ressaltado por Ammann, quando afirma que “[...] ao participar da vida dessa instituição, a comunidade poderá fazer uma relação entre a educação que acontece em casa e a que ocorre na escola” (1987, p. 41).

Neste ínterim, é plausível associar os assuntos, conteúdos e informações que norteiam e caracterizam o cotidiano das comunidades com as temáticas e atividades propostas pelas escolas, uma vez que buscar aproximar a relação entre ambas tende a propiciar uma maior interação e cumplicidade destas duas importantes representações sociais. Pois, os conteúdos midiáticos, norteadores de conversas, gostos e costumes, podem ser entendidos como elemento útil neste processo, uma vez que fazem parte das sociedades indiferentemente de classe social ou nível de instrução.

UMA NOVA CULTURA COMUNICACIONAL

De uma maneira geral, os meios de comunicação sempre estiveram presentes no cotidiano das comunidades e no ambiente escolar. No entanto, está presença dá-se de maneira informal e muitas vezes marginalizada, haja vista que servem apenas como suportes ou enquanto conteúdos passíveis de críticas extremadas, que muitas vezes são vazias em fundamentação.

Nos dias atuais, tal relação apresenta significativas mudanças, pois as mídias passaram a ser entendidas como uma nova instituição de socialização, central na formação dos indivíduos e as sociedades contemporâneas, quanto instituições como a escola, a família, o trabalho, a religião, etc. O fato é que, por ocuparem esta centralidade, os meios e a mídia entraram na escola e nos espaços educativos de forma “natural”.

Alguns estudiosos apontam que a educomunicação não se trata de educação, tampouco de comunicação, mas de um terceiro processo, que se dá nos chamados ambientes educacionais. Reúne a produção participativa de mídia - ou educação para a mídia, que entende que a produção de comunicação oferece uma visão do

³ Proposta implantada por algumas escolas do país, que visa o rompimento com a concepção tradicional de ensino e aprendizagem, passando a incorporar a realidade social e considerando as questões e os problemas do cotidiano das comunidade como objeto de conhecimento. Inserção de temas transversais como conteúdos curriculares, objetivando relacionar as disciplinas do currículo à realidade contemporânea, dotando-as de valor social.

processo e um entendimento mais crítico da mídia - e a leitura crítica das mídias pelos sujeitos em comunidade (BELLONI, 2001, p.134).

Para Fischer (2005) trata-se, de maneira geral, da formação da consciência para a ação, entendendo a mídia como um objeto a ser analisado criticamente e também como instrumento para a ação individual ou em sociedade. Ainda com esta perspectiva, o autor afirma se tratar também da educação crítica para a mídia, a qual consiste na produção participativa da mídia aliada à leitura crítica, em sua relação com as demais instituições e matrizes da comunidade.

Conforme explana Zuin (1999), a escola e os ambientes educativos e sociais, precisam formar indivíduos capazes de entender, interpretar e dialogar com a realidade apresentada pelos meios de comunicação, uma vez que eles compõem parte do cotidiano dos indivíduos, estando presentes em todos os lugares: nas casas, locais de diversão, aeroportos, bares, lojas e shopping, hotéis, bancos, nas pesquisas científicas etc., mas, não compõe ainda, um espaço de aprendizado ou de reflexão na escola.

Quando Martín-Barbero (2004) questiona e problematiza que a escola, ao negar a possibilidade de leitura e análise crítica dos programas que a televisão veicula, ou que essa mesma programação possa transmitir ou produzir conhecimento, fica difícil perceber que:

a televisão desvela o que catalisa em matéria de mudança na sociedade: desde o deslocamento das fronteiras entre a razão e imaginação, entre saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber especializado e experiência profana, à conexão das novas condições do saber com as novas formas de sentir e as novas figuras da sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.60).

Freire (1979) propõe conhecer a realidade do aluno no sentido de compreender as diferenças culturais existentes em sala de aula, para que o educador possa melhor trabalhar os conteúdos. A realidade que o aluno conhece e vive não é somente aquela empiricamente apreendida; é também, a realidade sonhada, a das idéias, das crenças, das emoções, das aspirações, das fantasias, dos desejos. Segundo ele, a escola possui as condições teóricas e práticas de executar a tarefa da educação para os meios de comunicação.

Para Freire, um educador numa abordagem progressista⁴ deve conhecer e, sobretudo, discutir a televisão para saber usá-la, pois “[...] o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão, me parece algo cada vez mais

⁴ Segundo Freire, abordagem progressista é aquela que instiga o diálogo e a discussão coletiva como essências para uma aprendizagem significativa que contemple os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores.

importante” (1996, p. 139) para ser utilizada na sala de aula enquanto instrumento para discussão sobre aspectos relevantes aos variados ambientes sociais.

Há uma lógica nos meios de comunicação do Brasil. São produções carregadas de signos⁵ que podem obter inúmeros e diferenciados significados, dependendo dos que ouvem e vêem o que se transmite. Refletem saberes, indicam possíveis e ajudam a moldar normas culturais de ações e gostos nas comunidades. A pertinência de incorporar de forma concreta nas práticas educativas os sujeitos e suas culturas e, conseqüentemente, seus saberes, pode repercutir nos resultados buscados mediante a educação formal.

ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO

As sociedades atuais vivem inseridas em um ritmo ‘alucinante’ do mundo das imagens e informações. O homem moderno, em constante contato com os meios de comunicação, pode se manter em contínuo processo de aquisição e assimilação de novas informações. No entanto, apesar do respaldo que os conteúdos da mídia possuem, percebe-se que muito se fala sobre os malefícios dela sem uma análise acerca da ampla relação que possui com os ambientes sociais (comunidades, grupos religiosos, trabalho) e escolar.

Tendo em vista esta perspectiva de correlação entre mídia-comunidade-educação, Zuin amplia o conceito de educação, ao afirmar que esta “[...] não se limita à esfera formal, mas está presente também em todas as outras relações sociais que necessitam de algum tipo de processo de aprendizagem” (1999, p.53). Dessa maneira, os indivíduos estão em constante contato com formas de aquisição de conhecimentos, mediante a interação com as mídias e as comunidades nas quais estão inseridas.

Com a percepção desta forma mais ampla e inclusiva do atual processo de educação, os conteúdos da mídia, tão presentes nos contextos das comunidades, serão aproveitados de maneira interdisciplinar com os saberes que cada elemento envolvido oferece. Neste sentido, Fischer (2005) destaca que uma das vantagens de incluir os conteúdos da mídia na escola é o fato de tornar o ensino significativo, pois o ato de assistir à televisão, ouvir rádio ou acessar à internet, são atividades presentes no cotidiano de alunos, professores e comunidade.

Neste ínterim, a educação contemporânea visa ampliar o processo de ensino-aprendizagem para além dos muros escolares, ao adquirir assimilar o hábito de situar os conteúdos midiáticos e característicos das comunidades, dentro de um contexto de

⁵ Peirce (2000) concebe o signo como algo de natureza aberta, quer dizer, é qualquer coisa de qualquer espécie que seja - um pensamento, ação, imagem, palavra, enfim, qualquer coisa pode funcionar como signo na medida em que está para outra coisa, seu objeto, que também pode ser qualquer coisa, definindo se como objeto porque se torna presente pela mediação do signo. Ele só é signo porque representa alguma coisa que não é ele. Está no lugar de algo que é diferente dele. Está no lugar do objeto.

correlação e conceituação ativa, ou seja, mediante exemplificações e reflexões acerca dos fatos e acontecimentos sociais.

Em conformidade com tal perspectiva, Freire (2001) nos coloca que aprender é uma aventura criadora, portanto, muito mais rica que repetir a matéria dada. É pensar em construção, reconstrução a todo o momento da prática pedagógica. O professor precisa se envolver no processo formativo-educativo de maneira que compreenda que o homem é multidimensional e munido de saberes e interesses próprios. E com isso percebe que o aluno se encontra amplamente inserido em contextos midiático e comunitários, por meio dos quais adquire e assimila saberes próprios.

Mediante tais características dos novos processos de educação e de comunicação, houve uma ampla multiplicação de sistemas produzindo a informatização geral da sociedade, assim como a inserção cada vez maior de sistemas eletrônicos na vida das escolas e comunidades, que “[...] não permeiam somente as necessidades de caráter econômico-financeiras, mas também de lazer, esportes, jogos e até mesmo de certos tipos de vivência” (NAPOLITANO, 2002, p.18).

Para tanto, faz-se necessário levar em consideração que esta deve ser uma educação para e por meio da mídia, deixando de negar a presença da mesma no cotidiano dos alunos, transformando-a em um meio que oportunize e contribua à formação deles. Haja visto, torna-se imprescindível destacar um dos princípios norteadores das práticas de vários educadores contemporâneos: a elaboração de propostas pedagógicas tendo como ponto de partida a realidade dos alunos, do mundo que os cerca e que os fascina.

Faz-se necessário, portanto, que sejam reconhecidas as características das sociedades atuais, formadas por comunidades em que informação e conhecimento ocupam lugar de destaque. Não podendo separar escola-mídia-comunidade, pois ambos desempenham papéis sociais na sociedade da informação e do conhecimento, e é dessa premissa que devem partir as atualizações em ambos os campos dos saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo processo formativo-educativo exige, por sua natureza, a participação efetiva de educadores e educandos. Os alunos possuem saberes e interesses que muitas vezes perpassam aqueles presentes nas grades curriculares das escolas, mas que se fazem presentes em ações do cotidiano, como por exemplo, as temáticas relacionadas à mídia.

Os meios de comunicação e os conteúdos midiáticos são uma realidade das comunidades contemporâneas. Educar com e para as novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade, pois as escolas costumam fazer apenas adaptações e pequenas mudanças à utilização que já se faz deles.

É importante ressaltar que as escolas devem preocupar-se não somente com abordagens a cerca da mídia, mas também com a comunicação como um processo mais amplo e que envolve a própria comunicação tanto dentro da sala de aula como nas relações entre direção, alunos, funcionários e, de maneira ainda mais ampla, com a comunidade, visando desenvolver processos de comunicação menos autoritários e mais participativos que contemplem os reais interesses e saberes os envolvidos.

Nesta perspectiva, cabe à escola, em seu Projeto Educativo, considerar a questão da relação existente entre mídia-educação-comunidade, como sendo uma importante vertente contemporânea do processo formal de educação realizado nas escolas. Pois, a mídia e os meios de comunicação, não são entendidos por alunos e comunidade, como sendo elementos marginais do processo educativo, mas sim como integrante da realizada social dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. 6 ed. São Paulo, Cortez, 1987.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac São Paulo, 2000.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 5 ed. São Paulo, Cortez, 1990.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. 3 ed. Belo Horizonte: Atlântico, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo. Paz e terra, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho. **Mídia & Democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula**. São Paulo. Editora Contexto, 2002.

NUNES, Clarice. **História da Educação Brasileira**: novas abordagens de velhos objetos. Teoria e Educação, 1992

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3 ed. São Paulo, 2000.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**: introdução a cultura de massa brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **As dimensões do projeto político-pedagógico**: novos desafios para a escola. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Indústria Cultural e Educação**: o novo canto da sereia. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SITES CONSULTADOS

Acessado em 16/05/2010:

http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15:os-parametros-curriculares-nacionais-e-os-temas-transversais&catid=4:educacao&Itemid=15

Acessado em 25/05/2010

<http://www.pucsp.br/paulofreire/cadernoporto04.htm>